

## COMENTÁRIO BÍBLICO

26º Domingo Comum – Ano A

27set2020

Êxodo 33,12-23; Salmo 99; Filipenses 2,1-13

S. Mateus 21,28-32

<sup>28</sup>«Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Foi ter com o primeiro e disse-lhe: “Filho, vai trabalhar hoje para a vinha.” <sup>29</sup>Mas ele respondeu: “Não quero!” Depois arrependeu-se e foi. <sup>30</sup>Dirigiu-se também ao outro filho e fez-lhe o mesmo pedido. E ele respondeu: “Vou sim, senhor!” Mas não foi.

<sup>31</sup>Qual dos dois é que fez a vontade do pai?» Eles responderam: «Foi o primeiro!» Jesus concluiu: «Pois eu afirmo-vos que os cobradores de impostos e as prostitutas hão-de entrar primeiro que vocês no reino de Deus. <sup>32</sup>É que João Batista veio ter convosco para vos indicar o caminho justo, mas não acreditaram nele. No entanto, os cobradores de impostos e as prostitutas acreditaram. Porém, vocês, mesmo depois de terem visto estas coisas, não acreditaram nele nem se arreponderam.»

1. «Que vos parece?» - pergunta retórica usada para fixar a atenção dos ouvintes no que se vai dizer a seguir. E Jesus conta uma história muito simples sobre o que acontece todos os dias e em qualquer tempo. Um pai, dois filhos e uma frase (“Filho, vai trabalhar hoje para a vinha”), uma manifestação de vontade que se pode ‘ler’ como ordem, convite ou pedido. Pouco importa. O que conta é que um dos filhos respondeu: “Não quero!” e depois foi. O outro disse: “Vou sim, senhor!” Mas não foi. E o Senhor suscita a pergunta: «Qual dos dois é que fez a vontade do pai?». Não há referência a quaisquer circunstâncias que possam ter mudado as vontades dos filhos, as chamadas situações atenuantes – “queria, mas aconteceu...” ou “disse que não, mas, pensei melhor...”. Apenas e tão só a *vontade do Pai*. Na verdade, o que prevalece no Evangelho de S. Mateus é o fazer a vontade de Deus, praticar a justiça e produzir frutos de justiça, pois, não se pode exaltar e glorificar Deus e ter uma prática contrária. Exatamente o ponto que Jesus queria alcançar para afrontar a conduta dos escribas, fariseus e autoridades religiosas, os que, ao contrário do povo e dos publicanos, “rejeitaram o desígnio de Deus, não tendo sido batizados por ele (João batista).” (S. Lucas 7, 29-30).

2. Esta parábola, que se apresenta num contexto histórico provável de conflito entre os primeiros cristãos e as autoridades da religião estabelecida, o judaísmo, pode ajudar-nos hoje a refletir sobre a nossa conduta em termos de responsabilidade pessoal.

A vontade de Deus que somos chamados a cumprir, na perspectiva de Jesus, revela-se na misericórdia e na compaixão vividas na relação de uns com os outros. A justiça do Reino de Deus. Portanto, praticar a vontade de Deus é mais do que cumprir certos preceitos e estar “de acordo com a lei”. Trata-se de ser misericordioso e ter sensibilidade para com a dor e o sofrimento e, de alguma forma, identificar-se com os sofredores. É a Lei vista, entendida e interpretada, à luz do Êxodo, da Cruz e da Ressurreição: o amor. Ou seja, para Jesus, no que respeita ao cumprimento da vontade de Deus, a ‘ética’ dos atos é mais importante do que a ‘ética’ dos

propósitos e das palavras. Como diz a sabedoria popular: “de boas intenções está o inferno cheio”. Vivemos a nossa religiosidade, portanto, entre palavras e atos – ou são conformes e tudo vai bem, ou, divergem e tudo se complica.

Mas, as coisas não são tão simples assim. Às vezes parece que existem dois mundos paralelos, um, o das realidades concretas, o das relações humanas com pessoas concretas – os atos – e, outro, o das palavras nas redes de comunicação social. E este vem exponencialmente a ganhar em importância e protagonismo àquele. Hoje, já se sabe quanto e como as redes sociais são instrumentos de influência que alteram comportamentos. Estamos, portanto, no mundo das palavras, onde os instrumentos usados são fáceis de manusear, são rápidos e eficazes e chegam ao mundo inteiro. Só que não ajudam à sua compreensão. Na verdade, “Um aumento de informação e de comunicação, por si só, não esclarece o mundo (...). Quanto maior é a informação que se mobiliza, mais intrincado se torna o mundo. A hiperinformação e a hipercomunicação não injetam luz na obscuridade”<sup>i</sup>. O mundo está cada vez mais precisado de um Deus que o humanize com atos reais de relação pessoal centrados na justiça e na verdade. Por isso, Jesus Cristo, o Senhor, a Palavra viva que ilumina, alenta e dá sentido à nossa vida.

3. Depois da entrada em Jerusalém, da violenta expulsão dos comerciantes do Templo e da confrontação com as autoridades religiosas (“*com que autoridade fazes estas coisas?*”) (S. Mateus 21, 1-27), o evangelho de Mateus apresenta três parábolas devastadoras dirigidas àqueles dirigentes: a dos dois filhos (S. Mateus 21, 28-32), a dos vinhateiros homicidas (S. Mateus 21, 33-46) e a do banquete do Reino (S. Mateus 22, 1-14). Aí Jesus confronta diretamente aqueles responsáveis religiosos e de tal maneira que ali mesmo O quiseram prender (S. Mateus 21, 45-46).

Porém, naquelas parábolas, como noutras, retrata-se também a natureza da paciência de Deus perante a panóplia das nossas fragilidades e incongruências. São evidentes os sinais que nos mostram a tolerância divina perante os nossos erros e interesses pessoais ou de grupo, a capacidade amorosa do nosso bom Deus de aguentar as nossas incompreensões e maus feitios, a perseverança na espera tranquila de que mudemos os nossos comportamentos centrando-os numa adesão incondicional à Sua verdade e vontade (a conversão). Afinal, uma paciência que nos deve servir de modelo, que temos de perceber e, ao mesmo tempo, de aprender. Aquele modo de “demorar nas coisas, apreciar o seu detalhe mais delicado” (Válter Hugo Mãe). Sim, de aprender, porque esta qualidade está a esboroar-se nas nossas condutas pessoais, por força de um mundo cada vez mais rápido que já nos vai moldando à vida em excesso de velocidade. E, depois, perdemos “o norte”, isto é, o controlo emocional, a calma que nos permite ‘olhar’ devidamente as circunstâncias indesejadas. A paciência é caminho de confiança, de espera perseverante, de paz interior que nos equipa para agir libertos de ansiedade. Nela percebemos o amparo tranquilo de Deus. Quão bom seria que as incertezas deste tempo de pandemia nos permitissem a aprendizagem da paciência porque dela precisamos para amar. “*O amor é paciente*” (Romanos 13,4).

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

---

<sup>i</sup> Byung-Chul Han, *A Sociedade da Transparência*, p. 62, citado por Maria Luísa Ribeiro Ferreira, em ‘7 Margens’.